

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11
Número 1
Junho 2022

CONTEXTUALIZAÇÃO MISSIONÁRIA: A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Missionary contextualization: the importance of contextualized evangelization

*Esp. Haiza Feuerharmel de Oliveira¹
Dr. Josemar Valdir Modes²*

RESUMO

Esta pesquisa apresentou alguns aspectos importantes com relação à evangelização. A principal preocupação é com o cuidado que se deve ter em transmitir o Evangelho à uma cultura diferente sem que esta seja modificada, com exceção dos aspectos que podem ser alterados e que não se constituem de uma ameaça à herança cultural que os evangelizados possuem e, ao mesmo tempo, sem distorcer o Evangelho. A contextualização foi o grande destaque e é o desafio que o trabalho missionário enfrenta.

Palavras-chave: Missão. Contextualização. Evangelização.

ABSTRACT

This research presented some important aspects regarding evangelization. The main concern is with the care that must be taken in transmitting the Gospel to a different culture without it being modified, with the exception of the aspects

¹ Formada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Missões pela Faculdade Batista Pioneira. Trabalha como assessora administrativa na Rede Excellent (Assessoria Educacional para Escolas Cristãs). E-mail: haizafeuerharmel@hotmail.com

² Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão Corporativa pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, com concentração em História e Cultura. Trabalha como Pastor na Primeira Igreja Batista em Ijuí, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

that can be altered and that do not constitute a threat to the cultural heritage that the evangelized ones have and, at the same time, without distorting the Gospel. Contextualization was the highlight and it is the challenge that missionary work faces.

Keywords: Mission. Contextualization. Evangelization.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos de história missionária, é nítido que existe um problema em não conseguir compreender a diferença entre Evangelho e Cultura, e isso, ainda hoje, tem sido uma das maiores fraquezas na área em missões transculturais. Frequentemente os missionários comparam o Evangelho com sua própria herança cultural, e isso os tem instigado a reprovar e condenar a maioria dos costumes e hábitos locais diferentes dos seus, impondo assim seus próprios costumes aos convertidos.

Por consequência disso, o Evangelho tem sido visto como algo estrangeiro de maneira geral, e como ocidental em particular. Muitas pessoas acabam recusando o Evangelho não porque rejeitam à Cristo, mas porque acreditam que sua conversão significa que terão que negar a sua herança cultural e seus vínculos sociais aprendidos desde a infância.³

Se as culturas são as formas de pensar, sentir e agir das diferentes pessoas, onde será que o Evangelho pode ser encaixado? Ele seria ou não parte de uma cultura específica? Se a resposta for sim, qual cultura deve-se adotar para se tornar um cristão?⁴

O processo de comunicação do Evangelho não pode ser separado ou isolado da cultura das pessoas que estão entregando a mensagem, e nem da cultura de quem vai receber a mensagem. **Algumas questões como** a contextualização da Bíblia, as barreiras culturais à comunicação do Evangelho, a importância da sensibilidade na transmissão da mensagem e o grande risco de sincretismo devem ser estudadas e tratadas com muito cuidado.⁵ Para uma eficiente comunicação do Evangelho, é necessário levar em conta que não há cultura inferior, nem cultura certa ou errada, apenas culturas diferentes.

1. CONCEITOS DE CULTURA E EVANGELHO

É muito comum ouvir alguém falar que “tal pessoa tem muita cultura”, isso porque para muitos, o significado da palavra cultura é o grau de estudos de uma pessoa. Muitas pessoas fazem esta associação da cultura com o grau de estudo de alguém, por essa razão, uma pessoa que tem um linguajar rude, um modo de vida simples, logo é taxada de uma pessoa sem cultura. Define-se a cultura como um conjunto de comportamentos e ideias que são característicos de um determinado povo, que é transmitido de uma geração a outra e que resulta da socialização e aculturação verificadas no decorrer de sua história.⁶

Uma compreensão mais apropriada do significado do que da cultura é um pré-requisito para qualquer comunicação mais eficaz do Evangelho a um determinado grupo de pessoas é de fundamental importância. Todo mundo possui uma cultura e ninguém nunca conseguirá se divorciar da sua própria cultura.⁷ Porém, a história ensina que o povo dominante, o mais forte, sempre impõe sua cultura e costumes ao povo dominado, o mais fraco, assim, quando feita de modo radical e violento, essa imposição acarretava o desaparecimento completo da cultura dominada.⁸

³ HIEBERT, Paul. **O Evangelho e a diversidade das culturas**. Tradução de Maria P. Grosso. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 54.

⁴ HIEBERT, 2001, p.53.

⁵ SÉRIE LAUSANNE. **O evangelho e a cultura**. Tradução de José Gabriel Said. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1983, p. 6.

⁶ BURNS, Bárbara. **Costumes e culturas**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 20.

⁷ WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven; BRADFORD, Kevin. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 385.

⁸ RIBEIRO, Josenilda. **Sincretismo religioso no Brasil**, p. 17. Disponível em: <http://estrategistas.com/wpcontent/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Cultura é um conjunto de comportamentos, crenças e ideias características de um povo, que se transmite de uma geração para outra e que resulta na história desse povo, na formação de sua sociedade e na perpetuação de seus valores. Toda comunicação humana se faz através da cultura. A cultura define as ideias usadas para se articularem as palavras, os valores que elas expressam, a maneira de falar, a distância com a qual se posicionam os falantes, um diante do outro, o tom de voz, e até a dinâmica sofrida pela língua em si.⁹

Em uma cultura os valores não são escolhidos ao acaso, mas invariavelmente refletem um sistema subjacente de crenças.¹⁰ Ela não é um aglomerado de traços e características, nem um amontoado de conhecimentos. Mas cada parte distinta da cultura se interliga às demais de forma que resulta num funcionamento sistemático da sociedade.¹¹

Quando se observa uma cultura, percebe-se que ela se compõe de várias camadas. Para um observador externo, a camada mais superficial é a do comportamento, ou seja, os costumes. Isso envolve a maneira como as pessoas fazem as coisas, como por exemplo, o fato delas comerem com as mãos. Logo que se aprofunda, aprende-se alguns de seus valores, isto é, aquilo que eles pensam ser bons e corretos, por exemplo, a separação dos sexos na vida social.¹²

Deve-se concluir que o homem não pode viver sem cultura, pois a cultura é tão inevitável quanto o ar que se respira e querer viver sem cultura é querer viver sem o ar. Assim como o ar, que mesmo estando presente, acaba sendo esquecido frequentemente, a cultura também está presente na vida do homem e em suas ações, mesmo que ele acabe não se dando conta disto.¹³

A cultura também envolve os sentimentos das pessoas, como seus atos, o senso de beleza, preferências em relação a roupas e alimentos, o modo como lidam com a alegria, tristeza e dor. Cada cultura tem um costume e um jeito diferente em lidar com todas essas situações e cada cultura julga esses valores e determina o que é certo e o que errado.¹⁴

Clifford Geertz cita que:

No passado quando as chamadas culturas primitivas envolviam-se apenas muito marginalmente umas com as outras referindo-se como ‘as verdadeiras’, ‘as boas’ ou simplesmente ‘os Homens’, e desprezando as que se situavam do outro lado do rio ou da serra como ‘macaco’ ou ‘ovos de piolho’ isto é não humanas ou não plenamente humanas, a integridade cultural era prontamente mantida. (...) A profunda indiferença para com as outras culturas era uma garantia de que elas podiam existir a sua própria maneira e segundo os seus próprios termos. (...) Agora, quando é claro que essa situação já não prevalece quando todos cada vez mais apertados num pequeno planeta, estão profundamente interessados em todos os demais e nos assuntos que lhes dizem respeito assumam a possibilidade de perda dessa integridade em função da perda dessa indiferença. Talvez ‘etnocentrismo nunca desaparecerá por completo sendo da essência mesmo da nossa espécie’, mas pode tornar-se perigosamente fraco deixando-nos a mercê de uma espécie de uma entropia moral. (...) Sem dúvidas nos iludimos com um sonho ao supor que um dia a igualdade e a fraternidade reinarão entre os homens sem comprometer nossa diversidade.¹⁵

Por causa do pecado, todas as culturas têm anseios imperialistas, devido a sua própria natureza, qualquer cultura acredita ter a melhor maneira de responder às realidades da vida e de explicar essas realidades. Quando se encontra com outra cultura, com um modo e estilo diferente de responder à realidade e explicá-la, esse estilo diferente ameaça seu próprio ser e, assim, aquela outra cultura é vista

⁹ LIDÓRIO, Ronaldo. **Indígenas do Brasil**. Viçosa: Ultimato, 2005, p. 75.

¹⁰ WINTER; HAWTHORNE; BRADFORD, 2009, p. 387.

¹¹ BURNS, 1996, p. 26.

¹² DENNET, Jo. **Florescendo em outra cultura**. Tradução de Marisa K. Lopes. Londrina: Descoberta, 2004, p.49.

¹³ GONZÁLEZ, J. **Cultura e evangelho**. Tradução de Vera e Jordan Aguiar. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 50.

¹⁴ HIEBERT, 2001, p. 32-33.

¹⁵ GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 70.

como inimiga que deve ser vencida.

Assim funciona a base do imperialismo, de um certo modo, porque além da história, os impérios se auto justificavam vendo-se a si mesmos como carregadores de uma cultura melhor e superior, onde os benefícios queriam fazer chegar a seus vizinhos. Sendo que na realidade o que eles estavam tentando fazer era impor sua cultura a seus vizinhos e explorá-los com a desculpa de que não pertenciam totalmente à cultura supostamente mais avançada do império.¹⁶

A fidelidade a certo conjunto de valores faz com que, de maneira inevitável, as pessoas se tornem parcial ou inteiramente insensíveis a outros valores dos quais outras pessoas, igualmente provincianas, são igualmente fiéis. Não é ofensivo colocar o seu próprio estilo de vida ou o seu próprio modo de pensar acima dos outros, ou em sentir pouco encanto por outros valores. Essa incomunicabilidade relativa não autoriza ninguém a reprimir ou destruir os valores rejeitados ou aqueles que os possuem. À exceção disso, porém, ela não tem nada de repugnante.¹⁷

Toda cultura também tem o seu próprio código moral e seus próprios pecados culturalmente definidos, julgando assim alguns atos certos e outros imorais.¹⁸ Toda cultura tem sua própria definição do que é pecado e como as culturas mudam, suas ideias de pecado também mudam.¹⁹ Toda cultura leva consigo o selo do pecado em suas próprias práticas internas, na forma de se organizar, na forma de agir com a opressão e a injustiça, e na forma como deseja se impor sobre as demais culturas.²⁰

Sabe-se que o etnicismo defende e acoberta a pureza natural das culturas intocadas. Mas isso pode, em certa instância, influenciar a comunicação. Por isso, é necessário lembrar que o pecado é cultural. O pecado não ocorre em um plano sobre-humano, ele brota do coração do homem envolto em seus conceitos e costumes. O pecado se manifesta moldado às circunstâncias externas e, por fim, vem a despencar no mesmo precipício que foi aberto desde o início, a separação entre o homem caído e o Deus santo.²¹

A cultura é boa, bela e merece respeito, mas também, assim como toda realidade humana, carrega o selo do pecado e pode muito bem ser sua ferramenta.²² Nenhuma cultura é ideal e perfeita em si mesma. Somente Deus, o criador de todas as coisas, é capaz de revelar uma cultura perfeita, que abrigue o homem por completo e responda de uma maneira completa à necessidade do homem. Toda cultura precisaria estar nivelada à cultura divina, mas as pessoas estão afastadas por conta de suas diferenças culturais. Mas, Cristo, o Senhor, e só ele, tem a possibilidade de unir todas essas pessoas, mesmo diante de tantas diferenças.²³

A cultura é ambivalente porque o próprio homem é ambivalente. Como o Pacto de Lausanne anuncia “porque o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e bondade, e porque ele experimentou a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca”, deste modo, a cultura sempre precisa ser julgada e aprovada pelas Escrituras, onde os cristãos precisam discerni-la e avaliá-la.²⁴

O Evangelho é a força vital do cristianismo e proporciona o fundamento para confrontar a cultura, pois quando cremos de verdade no evangelho, começamos a perceber que ele não só constrange o cristão a confrontar as questões sociais a sua volta, mas também cria de fato uma confrontação com

¹⁶ GONZÁLEZ, 2011, p. 70.

¹⁷ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 70.

¹⁸ HIEBERT, 2001, p. 34.

¹⁹ HIEBERT, 2001, p. 54.

²⁰ GONZÁLEZ, 2011, p. 69.

²¹ LIDÓRIO, Ronaldo. **Com a mão no arado: pensando a vida, cumprindo a missão**. Belo Horizonte: Betânia, 2006, p. 89-90.

²² GONZÁLEZ, 2011, p. 77.

²³ LIDÓRIO, 2005, p. 33.

²⁴ STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010, p.149.

a cultura ao seu redor.²⁵

De uma forma resumida, o Evangelho é a verdade fundamental da morte e ressurreição de Cristo, qual torna possível ao homem a salvação. Pela fé, o homem consegue alcançar a graça redentora de Deus no Evangelho, por isso ele abandona sua própria natureza rebelde e se submete a Cristo, em cada aspecto de sua vida. O Evangelho é o meio de mudança e transformação nas vidas daqueles que creem nele, bem como o meio de redenção eterna.²⁶ E discernir a forma particular que Deus imprimiu a uma determinada cultura ajuda a Igreja a descobrir como explicar a redenção de forma mais incisiva para os membros de determinada cultura.²⁷

O evangelho não pertence a nenhuma cultura, mas ele sempre deve ser entendido e expresso dentro de formas culturais humanas. Os homens não podem recebê-lo fora de seus idiomas, símbolos e rituais. Se as pessoas devem ouvir e crer no evangelho, ele precisa ser apresentado em formas culturais. No nível cognitivo, as pessoas devem entender a verdade do evangelho. No nível emocional, devem experimentar o temor e o mistério de Deus. E no nível de avaliação, o evangelho deve desafiá-las a responder à fé. Esse processo de tradução do evangelho para uma cultura, aonde as pessoas venham a entender e responder a ele, é chamado de naturalização ou contextualização.²⁸

2. COLONIZAÇÃO X CONTEXTUALIZAÇÃO

No decorrer da história, a Igreja abraçou práticas evangelizadoras que colaboraram para sedimentar um modelo de missão fortemente marcado pelo ideário dos empreendimentos de expansão colonialista do final do século XV e começo do XVI. Assim, esse modelo foi formatado nos Estados Unidos, tendo influência pelo puritanismo²⁹ e pelo pietismo³⁰, com o retoque das ideias iluministas, originando assim o formato missionário protestante dominante.³¹

Ao longo dos anos, os cristãos sucumbiram com frequência à tentação de imaginar que a encarnação do Evangelho em uma cultura qualquer, a deles em particular, era a melhor e mais pura forma que este Evangelho pode tomar. Isto levou a divisões e conflitos desnecessário e frequentemente impediu a missão e evangelização.³²

A Antropologia Missionária baseada nos princípios bíblicos não se impõe e nem é destruidora de sociedade, porque contém salvaguardas éticas relacionais. As ações missionárias, entretanto, são julgadas ao longo da história até os dias de hoje, com base nos fantasmas da imposição catequista que há nos processos colonialistas.³³

2.1 HISTÓRICO DA IGREJA

O modo e a forma que os colonizadores portugueses e espanhóis trataram os povos indígenas da América Latina é um dos episódios históricos que delatavam o desrespeito à diferença e à alteridade. Pessoas e historiadores que testemunharam os episódios na época, escreveram as barbaridades, brutalidades e atrocidades cometidas pelos desbravadores europeus contra os povos nativos latino-americanos. O Frei Bartolomé de Las Casas, um dominicano que viveu nessa época da colonização,

²⁵ PLATT, David. **Contracultura**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p.19

²⁶ DENNET, 2004, p. 60.

²⁷ RICHARDSON, Don. **O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.231-232.

²⁸ HIEBERT, 2001, p. 55.

²⁹ PURITANISMO foi um movimento de protestantes radicais que insistiam na necessidade de regressar à pura religião bíblica. In.: GONZÁLEZ, Justo. **História ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 277.

³⁰ PIETISMO foi o mais notável movimento de protesto contra a frieza intelectual que parecia dominar a vida religiosa. Ele se opôs ao dogmatismo que reinava entre teólogos e pregadores e ao racionalismo dos filósofos. In.: GONZÁLEZ, 2011, p. 337.

³¹ NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização**. Viçosa: Ultimato, 2015, p. 7.

³² GONZÁLEZ, 2011, p. 90.

³³ LIDÓRIO, 2011, p. 43.

visitou as terras latino-americanas onde os espanhóis fincaram suas bandeiras, e em 1502, deixou notas e registros importantes sobre a forma como os colonizadores declararam e regeram uma guerra contra os povos indígenas. Fizeram tudo isso usando o nome de Deus e da “Santa Igreja” para legitimá-la.³⁴

Os primeiros americanos acreditavam que Deus estava do lado de seu país, tornando-o diferente dos outros e melhor que eles. Para aqueles americanos, os objetivos de sua nação e de Deus tornaram-se um. O colonialismo e as ações militares eram justificados como meio de evangelização do mundo. Não é de surpreender que em muitas partes do mundo o cristianismo seja comparado ao militarismo e ao imperialismo.³⁵

O que dizer da perseguição enfrentada pelos jesuítas no século 18, que culminou com a expulsão de centenas deles do Brasil e depois a prisão de dezenas de sacerdotes? Muitos foram mortos, como Gabriel Malagrida, queimado em 1761 porque teve a ousadia de contestar o Marquês de Pombal, e o capuchinho Martinho de Nantes, considerado revolucionário por proteger os indígenas contra as estratégias dos Bandeirantes, apesar de que suas atitudes também eram colonialistas, pois considerava o índio “mais animais que homens”.³⁶

Ronaldo Lidório se refere por catequese não apenas ao modelo tradicional católico romano, mas a qualquer modelo, como cristão ou não cristão, católico ou evangélico, onde se baseiem em primeiro lugar, na determinação e imposição de valores, não em sua exposição, nos códigos comunicacionais de quem transmite e nem de quem recebe. Também se baseiam em um modelo que tem uma proposta da relação de um grupo-alvo com a igreja-instituição, e não com a igreja-pessoas, assim como ter o alvo de adequar o ouvinte a uma forma religiosa nominal. Por isso é necessário estabelecer a diferença entre evangelização e catequese, uma diferença que não é somente metodológica, mas também conceitual, onde expressa as transformações quanto à abordagem do outro à exposição do Evangelho nos últimos séculos.³⁷

Essa evangelização distingue-se da catequese em relação ao *conteúdo, abordagem e comunicação*. O conteúdo da catequese é a Igreja, com seus símbolos, estrutura e práticas, sua eclesiologia. O conteúdo da evangelização é o evangelho, os valores cristãos centrados em Jesus Cristo. A abordagem da catequese é impositiva e coercitiva. A abordagem da evangelização é dialógica e expositiva. A catequese se comunica a partir dos códigos do transmissor, sua língua e seus costumes, importando e enraizando valores. A evangelização se dá com a utilização dos códigos do receptor, sua língua, cultura e ambiente, respeitando os valores locais e contextualizando a mensagem.³⁸

Classificar o que é diferente como incorreto, defeituoso, inferior ou até excluí-lo do seu mundo, infeliz e lamentavelmente, é uma prática bem frequente do homem, que tem a tendência de repudiar e rejeitar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que ele se identifica. Sendo assim, considera que estão fora da normalidade os costumes muito diferentes dos seus, ou dos que ele conhece.³⁹

Quando o Evangelho chega em determinada cultura, o processo de mudança de mente é algo natural, mas não imposto como muitos declaram. Os próprios índios selecionam os elementos culturais de seu povo e o avaliam sob uma nova ótica, à luz das Escrituras. Aquilo que é puro, se mantém, mas o que é espiritualmente ruim, é abandonado.⁴⁰ Por isso, é muito importante lembrar que não é o

³⁴ SOUZA; LIDÓRIO, 2008, p. 140-141.

³⁵ HIEBERT, 2001, p. 54.

³⁶ NASCIMENTO, 2015, p. 120.

³⁷ LIDÓRIO, 2011, p. 43.

³⁸ INDÍGENA ORG. **Presença e ação missionária evangélica entre os povos indígenas do Brasil**. Disponível em http://www.indigena.org.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=36:manifestoamtb&catid=2:publicacoes&Itemid=4. Acesso em: 13 jul. de 2016.

³⁹ NASCIMENTO, 2015, p. 61.

⁴⁰ MONTEIRO, Tiago. **A terceira onda missionária entre os indígenas**. Disponível em: http://batistas.com/index.php?option=com_

Evangelho que se deve curvar à cultura, e sim a cultura que deve-se curvar ao Evangelho, mas também é necessário descobrir como aproximar-se de cada uma dessas culturas distintas, para assim poder comunicar de maneira adequada as verdades do Evangelho.⁴¹

A motivação deve ser o amor de Cristo, que conduz a compartilhar o Evangelho. É necessário demonstrar cuidado com as pessoas, dando atenção para suas necessidades terrenas, assim como por suas almas. O trabalho não é tentar convencê-los de que eles estão errados e apenas comunicador está certo. O cristão é responsável por testemunhar a graça salvadora de Cristo e é responsável por orar confiando que o Espírito Santo convencerá o povo da verdade do Evangelho e da salvação.⁴²

2.2 O PERIGO DA ACULTURAÇÃO E DA CONTEXTUALIZAÇÃO EQUÍVOCADA

A aculturação é um processo de molde social que é imposto por uma sociedade distinta. Pode ser objetiva, como uma imposição aberta ou colonialista, ou pode ser subjetiva, como uma imposição baseada na atração e consequente desvalorização do sistema cultural materno em detrimento do apresentado, mas ambas são igualmente danosas.⁴³

Alguns perigos surgem quando se fala de contextualização dentro do universo missionário. O primeiro perigo, que é político, tem sua origem na natural tendência humana de estabelecer a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta feita em grande escala pelos movimentos imperialistas do passado, assim como por forças missionárias que compreenderam o significado do Evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão,⁴⁴ cultura e língua. Desta maneira as torres altas dos templos, a cor da toalha da mesa da ceia, a altura certa do púlpito e as expressões faciais de reverência acabaram tornando-se muito mais do que peculiaridades de um povo e de uma época. Ou seja, essas coisas misturam-se com o essencial do Evangelho na transmissão de uma mensagem que não está muito interessada em resgatar o coração do homem, mas sim adaptá-lo à uma teia de elementos impostos e culturalmente definidos apenas para a satisfação do comunicador da mensagem, apesar de totalmente sem significado para aqueles que recebem a mensagem.⁴⁵

São várias as implicações de uma exposição política do Evangelho, porém a mais frequentemente é o nominalismo, e, depois, o sincretismo quase irreversível. Essa perigosa apresentação política do Evangelho acaba confundindo o Evangelho com a roupagem cultural daquele que o expõe, deixando de apresentar Cristo e apresentando somente uma religiosidade que no fim é vazia e sem significado para o povo que a recebe.⁴⁶

Um outro perigo, é pragmático, e pode ser visto quando se adota uma abordagem puramente prática na contextualização. Como a contextualização é um assunto frequentemente associado à metodologia e ao processo de campo, é preciso então entendê-la e avaliá-la baseado mais nos resultados do que em seus fundamentos teológicos. Consequentemente, aquilo que é bíblico e teologicamente evidente, acaba se tornando menos importante do que aquilo que é funcional e pragmaticamente efetivo.⁴⁷

content&view=article&id=1300:aterceiraondamissionariaentresindigenas&catid=16:artigos1&Itemid=42. Acesso em: 10 abr. 2016.

⁴¹ ESCOLA DE MISSÕES DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS, 2005, p. 130.

⁴² DENNET, 2004, p. 61.

⁴³ LIDÓRIO, Ronaldo. **O evangelho e a aculturação indígena**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/missoes/evangelho-aculturacao-indio_lidorio.pdf. Acesso em: 11 abr. 2016.

⁴⁴ COSMOVISÃO: pode ser descrita como a visão ou o conjunto de suposições e crenças que um determinado indivíduo ou grupo possui acerca da vida, do mundo, de Deus, de si mesmo e de suas inter-relações. Basicamente, é a forma pela qual as pessoas interpretam e percebem a realidade ao seu redor, seja de forma consciente ou inconsciente. In.: CUNHA, Maurício; WOOD, Beth. **O reino entre nós: transformação de comunidades pelo evangelho integral**. Viçosa: Ultimato, 2003, p. 50.

⁴⁵ LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 123-124.

⁴⁶ BURNS, Bárbara. **Contextualização missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 19.

⁴⁷ LIDÓRIO, 2011, p. 124.

Só que nem tudo o que é funcional é bíblico, pois o pragmatismo leva as pessoas a dar mais valor à metodologia da contextualização do que o conteúdo que precisa ser contextualizado. Portanto, a apresentação pragmática do Evangelho, privilegia somente a comunicação com seus devidos resultados e esquece de ater-se ao conteúdo da mensagem comunicada.⁴⁸

Outro perigo é sociológico, pois aceita a contextualização como sendo nada mais do que uma cadeia de soluções para as necessidades humanas, em uma abordagem puramente humanista. Esse erro acontece quando os missionários adotam decisões baseadas na avaliação e interpretação sociológica das necessidades humanas, e não nos ensinamentos da Bíblia. Aqui neste caso, os assuntos culturais, ao invés das Escrituras, determinam e flexibilizam a teologia a ser aplicada a determinado grupo. O anseio por justiça social não deve e não pode levar ao esquecimento da apresentação da mensagem do Evangelho. A defesa de um evangelho integral e o desejo de comunicar uma mensagem contextualizada não deve ser ponte para o esquecimento dos fundamentos da teologia bíblica.⁴⁹

Bruce Nicholls fala sobre o perigo do sincretismo e nominalismo como consequência de uma contextualização existencial sem fundamentação teológica. Segundo ele, o sincretismo religioso é uma síntese entre a fé cristã e as demais religiões, onde a mensagem bíblica é progressivamente trocada por pressuposições e dogmas não-cristãos, e as expressões cristãs da vida religiosa de adoração, do testemunho e da ética, aceitando-se cada vez mais aquelas da parte não-cristã no diálogo. Ao final disso, a missão cristã é diminuída a uma chamada presença cristã, ou a uma preocupação social humanista. O sincretismo acaba resultando na morte lenta da igreja e no fim da evangelização.⁵⁰

A apreensão e preocupação dos dias de hoje, no sentido de contextualizar o Evangelho em outras culturas mais específicas, elevou o grande problema do sincretismo, mas de uma maneira nova. De acordo como a igreja procura expressar sua vida em formas culturais locais, ela imediatamente precisa enfrentar o problema dos elementos culturais que são malignos ou tenham associações malignas. Esses elementos que são intrinsecamente falsos ou claramente malignos não devem ser assimilados no cristianismo. Este é um grande perigo para todas as igrejas em qualquer cultura.⁵¹

O sincretismo cultural pode acabar de uma tentativa entusiasta de traduzir a fé cristã por meio do uso acrítico de símbolos e práticas religiosas da cultura receptora, resultando em uma mistura de crenças e práticas cristãs e pagãs. Outra forma de sincretismo cultural está de acordo com o espírito dos fariseus e judaizantes, que buscavam forçar e impor as formas culturais de suas convicções religiosas sobre seus seguidores. É visto com frequência nas igrejas que foram fundadas por missões ou denominações, sob a forma de estruturas eclesiais obrigatórias ou de modelos sociais de conduta correta e de hábitos mundanos, sendo totalmente estranhos à cultura local. Para os não cristãos desses lugares, o cristianismo apresenta a imagem de uma religião estrangeira.⁵²

Agora, o sincretismo teológico alcança o próprio âmago da cultura, porque faz o ligamento de conceitos e imagens, assim como de valores morais e éticos nos níveis profundos da cosmovisão e da cosmologia. Ele consegue ser mais destrutivo do que o sincretismo cultural, porém, na realidade, frequentemente leva ao sincretismo cultural do tipo de acomodação.⁵³

É necessário ter cuidado para não distorcer o Evangelho, a fim de torná-lo aceitável, enfraquecendo assim sua mensagem. Isto levaria ao sincretismo, que mistura uma forma de cristianismo com a religião do povo. Isto ocorreu na América do Sul, onde algumas tribos, partindo da adoração à Maria, no catolicismo, aceitaram-na como a deusa mãe da terra. O sincretismo sempre falha em confrontar os

⁴⁸ BURNS, 2011, p. 19-20.

⁴⁹ BURNS, 2011, p. 20.

⁵⁰ BURNS, 2011, p. 22-23.

⁵¹ NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização**: uma teologia do evangelho e cultura. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 38-39.

⁵² NICHOLLS, 2013, p. 41-42.

⁵³ NICHOLLS, 2013, p. 42.

pecados humanos e a necessidade de redenção através da morte de Jesus. Isto levanta uma questão, o Evangelho de Cristo é o único caminho para Deus?

A contextualização não possui valor em si, mas seu valor é proporcional ao conteúdo a ser contextualizado. Por exemplo, nas seitas são localizadas diversas propostas religiosas antibíblicas, contudo bem contextualizadas, mostrando que, fundamentalmente, o mais importante não é até que ponto a mensagem é contextualizada, mas o conteúdo da mensagem em si. No Brasil, a umbanda é um dos exemplos de conteúdo antibíblico, mas com boa contextualização. Trazida pelos escravos, a umbanda adaptou-se ao catolicismo europeu, transmitindo uma mensagem pessoal e informal, criou células que ganharam vida de maneira independente e gerou cenários atrativos para novos adeptos. Numa proposta de evangelização bíblica e contextualizada, portanto, a pergunta-chave não é como se deve contextualizar e sim, o que vai se contextualizar.⁵⁴

Por outro lado, existe a necessidade de fazer tentativas ousadas e criativas em que se empreguem formas culturais que possam ser batizadas em Cristo sem negar o Evangelho.⁵⁵

3. IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO MISSIONÁRIA

A intenção e objetivo do testemunho cristão é ver as pessoas convertidas a Cristo e integradas a grupos que são chamados de igrejas, as quais necessitam ser bíblica e culturalmente ajustadas e adaptadas.⁵⁶

A contextualização do cristianismo faz parte do registro que se encontra no Novo Testamento, no qual os discípulos se envolveram ao transmitir aos de fala grega a mensagem de Cristo, que chegou aos discípulos na língua e na cultura aramaica. Tendo a intenção de contextualizar o cristianismo aos que falavam grego, os discípulos anunciaram a verdade cristã no padrão de pensamento de seus receptores. Palavras e conceitos de cada cultura foram usados para esclarecer temas como Deus, igreja, pecado, conversão, arrependimento, iniciação e outras áreas importantes da vida e da prática cristã.⁵⁷

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Contextualização significa tornar o Evangelho relevante dentro de uma cultura, dentro do contexto em que as pessoas estão vivendo, para que possam entendê-lo. A mensagem do Evangelho não deve ser corrompida e alterada, porém, o método da evangelização pode ser adaptado.

A contextualização do Evangelho começa desde o esforço para compreender e entender o texto no seu lugar de vivência até a percepção da realidade daquele que ouve a mensagem do Evangelho. Essa necessidade de envolvimento com as pessoas e de ter um relacionamento com elas, é um dos exemplos que Jesus deixou. Ele assumiu a forma de homem e veio habitar no meio das pessoas, preferindo nascer, crescer, viver e morrer entre os homens. Não se colocou simplesmente a gritar, lá do céu, proclamando uma palavra de salvação, de uma forma distante, fria e descomprometida. Muito pelo contrário, ele viveu no meio de todos.⁵⁸

Toda a Bíblia é um testemunho eloquente de Deus encontrando e convertendo os homens em seus próprios contextos culturais. Deus andava com Adão e Eva no Jardim, e ele conversou com Abraão, Moisés, Davi e outros israelitas dentro de uma cultura hebraica em mutação. Ele se tornou a Palavra que viveu no tempo e no espaço como um membro da sociedade judaica. De maneira parecida, a Igreja Primitiva anunciava a mensagem apostólica de uma maneira que as pessoas compreendessem. No Pentecostes, o sermão de Pedro e o discurso de Paulo no Areópago em Atenas, mostram como

⁵⁴ LIDÓRIO, 2011, p. 126.

⁵⁵ NICHOLLS, 2013, p. 39.

⁵⁶ WINTER; HAWTHORNE; BRADFORD, 2009, p. 397.

⁵⁷ WINTER; HAWTHORNE; BRADFORD, 2009, p. 397.

⁵⁸ LIDÓRIO, 2005, p. 36.

eles expuseram a mensagem sob medida para seus ouvintes. Do mesmo modo, os Evangelhos e as Epístolas conseguem alcançar as pessoas em culturas diferentes e de formas diferentes. Toda comunicação autêntica do Evangelho em missões precisa ser padronizada a partir da comunicação bíblica e deve procurar fazer com que a mensagem do Evangelho seja entendida pelas pessoas dentro de suas próprias culturas.⁵⁹

Ao contrário do que muitos pensam, todas as culturas podem sim servir adequadamente como veículos de comunicação do Evangelho. Se não fosse dessa maneira, todas as pessoas precisariam mudar de cultura para poderem se tornar cristãs. Isso não quer dizer que o Evangelho seja completamente compreendido em uma cultura, mas que todas essas pessoas podem aprender o suficiente para serem salvas e crescerem na fé dentro do contexto de sua própria cultura.⁶⁰

3.2 NECESSIDADE E BENEFÍCIOS DA CONTEXTUALIZAÇÃO

Um mito que deve ser derrubado, por ter suas raízes em um liberalismo irresponsável quanto à mensagem que deve ser comunicada, trata do valor da contextualização. Enquanto o cristianismo liberal se concentra no processo da contextualização, onde o importante é comunicar, os cristãos bíblicos, fundamentados na Palavra de Deus, tratam o assunto por uma outra perspectiva, onde o mais importante é o que estão comunicando.⁶¹

A verdadeira, correta e fiel comunicação do Evangelho inicia-se com a contextualização do próprio Evangelho na vida do comunicador. Essa contextualização acontece por meio da adoração e comunhão, do serviço diaconal e da justiça profética, do testemunho e discipulado evangelístico. A contextualização manda aceitar de bom grado o senhorio de Cristo, assim como servir e sofrer com alegria em prol dos outros. A igreja, como povo de Deus, é convocada para anunciar todo o Evangelho a todos que estão no mundo, demonstrando-o em formas culturais relevantes, a fim de produzir o mesmo fruto de amor e justiça que caracterizava os indivíduos, famílias e comunidades que faziam parte da igreja primitiva.⁶²

Teve um tempo em que a contextualização era um princípio distante, um instrumento usado somente pelos missionários transculturais. Contudo, as demandas do mundo moderno e o ambiente policultural fazem da contextualização um instrumento indispensável à igreja atual. É necessário lembrar que na contextualização o que muda é a apresentação, e não o conteúdo. O missionário é aquele que deve apresentar a mesma verdade de modos diferentes às culturas diferentes, e não aquele que expõe verdades diferentes a cada cultura. Os métodos e procedimentos podem variar, entretanto, o conteúdo deve ser sempre o mesmo.⁶³

Cabe a Igreja de Cristo estudar com cuidado a cosmovisão da sua cultura alvo, a fim de apresentar Jesus Cristo e as verdades universais do Evangelho dentro das necessidades e das realidades de cada povo. Sendo assim, seja qual for o povo alvo, Cristo deve ser apresentado de acordo com as necessidades desse povo, como sendo o único capaz de solucionar o problema da salvação do homem.⁶⁴

Contextualizar o Evangelho é demonstrá-lo e traduzi-lo de tal forma que o senhorio de Cristo não seja apenas um princípio abstrato ou mera doutrina importada. Ele precisa ser um fator determinante de vida em toda a sua dimensão e o critério básico em relação aos valores culturais que formam a substância com a qual avalia-se o existir humano. Com toda certeza, pode-se afirmar que o Evangelho

⁵⁹ HIEBERT, 2001, p. 55.

⁶⁰ HIEBERT, 2001, p. 56.

⁶¹ LIDÓRIO, 2011, p. 126.

⁶² NICHOLLS, 2013, p. 95.

⁶³ GONÇALVES, Leonardo. **Evangelho e cultura**: pregando o evangelho em um ambiente multicultural. Disponível em: <http://www.napec.org/apologetica/evangelhocultura/>. Acesso em: 09 abr. 2016.

⁶⁴ ESCOLA DE MISSÕES DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS – EMAD. **Guia prático de missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 180.

é sim suficiente para todo homem em todas as culturas e gerações.⁶⁵ O evangelho quer produzir não uma nova pessoa em uma nova e diferente cultura, meramente humana, mas sim uma nova criatura dentro da sua própria realidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada sociedade olha e percebe o mundo de maneira própria e agrupa essa maneira em sua própria língua e cultura. Nenhuma língua é imparcial, nenhuma cultura é teologicamente neutra. Porém, o pecado é cultural e manifesta-se culturalmente, e o homem, em sua cultura, necessita de redenção. Mas o evangelho é supra cultural, pois não se restringe às estruturas da sociedade. O evangelho é aplicado a todo homem, de todas as culturas, em todas as gerações.

Mas devido a mudança visível nos convertidos, o cristianismo é acusado duramente de ser agente de transformação cultural indesejável. O que não se compreende é que ninguém continua o mesmo depois de conhecer Jesus Cristo e o amor de Deus. Essa preocupação de muita gente que tem se colocado contra o evangelho, não tem a cultura como razão, mas sim as suas crenças e pressuposições anti-evangélicas e, conseqüentemente, uma atitude antideus. Mas o evangelho respeita sim a cultura dos povos, porém é inocência missiológica assegurar que o evangelho não mudará nada da cultura, pois a própria razão do evangelho vem com o pressuposto de transformação em todos os níveis da existência do homem.

Dentro de determinada cultura, a Igreja precisa encontrar o seu modo de ser entre o cuidado em manter a sua identidade e em expressar plenamente o seu significado. Ela necessita juntar ao conhecimento de sua missão, tradição e essência, o conhecimento da cultura que a cerca, a história do povo que a rodeia e os desafios da sua época, ajustando-se assim sabiamente a tudo isso. Mas para que isso venha acontecer, ela também precisa acertar o seu ritmo de modo a não se colocar numa vanguarda destruidora nem numa retaguarda inofensiva.⁶⁶

Em Atos 1.1-11 encontram-se o que foram as últimas palavras de Jesus na terra. Ele foi claro sobre onde seus discípulos deveriam estar concentrando os objetivos e desejos deles e da Igreja, mas a missão de Deus excede barreiras geográficas. Não é primeiro em Jerusalém, depois na Judeia e confins da terra. Também não é primeiro o mundo e depois o país. A ideia é de simultaneidade, ou seja, deve acontecer ao mesmo tempo. A obra missionária precisa ser feita o mais simultaneamente possível. É preciso preocupar-se tanto com os becos da cidade (Lc 24.21), como com toda a cidade (Lc 8.39), e com as outras cidades (Lc 4.43), e com todas as aldeias (Lc 9.6), e com todas as nações (Mt 28.19) e com todo o mundo (Mc 16.15).⁶⁷

Deve-se lembrar que nenhuma cultura é ideal em si mesma, mas somente Deus, o aquele que criou todas as coisas, é capaz de revelar uma cultura perfeita, que abrigue o homem por completo e responda completamente à necessidade do ser humano. Toda cultura deveria estar nivelada à cultura divina. Sendo assim, a Igreja não pode perder o seu grande desafio, conhecido no meio evangélico como a trilogia do amor, respeito, compaixão e carinho com qualquer ser humano.

REFERÊNCIAS

BURNS, Bárbara Helen. **Contextualização missionária, desafios, questões e diretrizes**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

BURNS, Bárbara. **Costumes e culturas**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

CUNHA, Maurício; WOOD, Beth. **O reino entre nós: transformação de comunidades pelo evangelho integral**.

⁶⁵ LIDÓRIO, Ronaldo. **Com a mão no arado: pensando a vida, cumprindo a missão**. Belo Horizonte: Betânia, 2006, p. 65.

⁶⁶ MONTEIRO, Marcos. **Um jumentinho na avenida**. Viçosa: Ultimato, 2007, p. 29.

⁶⁷ FERNANDES, Tomé. **Igreja, missão e missões**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014, p. 94-95.

Viçosa: Ultimato, 2003.

DENNET, Jo. **Florescendo em outra cultura**. Tradução de Marisa K. Lopes. Londrina: Descoberta, 2004.

ESCOLA DE MISSÕES DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS – EMAD. **Guia prático de missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

FERNANDES, Tomé. **Igreja, missão e missões**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

GONÇALVES, Leonardo. **Evangelho e cultura: pregando o evangelho em um ambiente multicultural**. Disponível em: <http://www.napec.org/apologetica/evangelhocultura/>. Acesso em: 09 abr. 2016.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura e evangelho**. São Paulo: Hagnos, 2011.

GONZÁLEZ, Justo. **História ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2011,

HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**. Tradução de Maria Alexandra P. Contar Grosso. São Paulo: Vida Nova, 2001.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**. Tradução de Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

INDÍGENA ORG. **Presença e ação missionária evangélica entre os povos indígenas do Brasil**. Disponível em http://www.indigena.org.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=36:manifestoamtb&catid=2:publicacoes&Itemid=4. Acesso em: 13 jul. 2016.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Com a mão no arado: pensando a vida, cumprindo a missão**. Belo Horizonte: Betânia, 2006.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e cultura**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Indígenas do Brasil**. Viçosa: Ultimato, 2005.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LIDÓRIO, Ronaldo. **O evangelho e a aculturação indígena**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/missoes/evangelho-aculturacao-indio_lidorio.pdf. Acesso em: 11 abr. 2016.

MONTEIRO, Marcos. **Um jumentinho na avenida**. Viçosa: Ultimato, 2007.

MONTEIRO, Tiago. **A terceira onda missionária entre os indígenas**. Disponível em: http://batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1300:aterceiraondamissionariaentreosindigenas&catid=16:artigos1&Itemid=42. Acesso em: 10 abr. 2016.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização**. Viçosa: Ultimato, 2015.

NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2013.

PLATT, David. **Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

RIBEIRO, Josenilda. **Sincretismo religioso no Brasil**, p. 17. Disponível em: <http://estrategistas.com/wp-content/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

RICHARDSON, Don. **O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

SÉRIE LAUSANNE. **O evangelho e a cultura**. Tradução de José Gabriel Said. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1983. Vol. 3.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010.

WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven; BRADFORD, Kevin. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*